

# PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM SALA DE AULA – atitudes linguísticas constrangedoras<sup>1</sup>

Elionai Aguiar – UVA

Este artigo apresenta o resultado parcial de uma pesquisa maior em andamento para uma monografia a ser apresentada à Universidade do Vale do Acaraú neste ano letivo. Trata sobre o constrangimento por que passa o aluno cuja variante se distancia da variante ensinada na escola. Em um país dimensões continentais como o Brasil é fácil compreender a diversidade linguística, uma vez que todas as regiões têm as suas particularidades linguísticas, sobretudo no nível semântico-lexical. Cabe ao professor de Português facilitar o caminho do processamento cognitivo do aluno. Nosso objetivo é investigar as atitudes linguísticas do professor em relação ao aluno que levam ao constrangimento e o impede de desenvolver competências. Fizemos uma pesquisa de natureza qualitativa, cujo principal instrumento foram as observações de aulas em uma escola da Rede Pública de Ensino e entrevista semiestruturada. Desenvolvemos nossa pesquisa à luz da Sociolinguística, tomando como fonte norteadora os postulados de Marcos Bagno (1994). Pesquisas como essa que coletam os fatos da língua em tempo real contribuem para reduzir o preconceito, e, com isso auxiliam no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Esta pesquisa, portanto, presta-se ao interesse de estudantes pesquisadores da língua, linguistas, sociolinguistas e de todos aqueles que se interessam pela compreensão da língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Constrangimento. Preconceito linguístico. Variante culta e popular

## 1 INTRODUÇÃO

Entende-se que a língua é um fenômeno social, pois funciona para a interação entre as pessoas e que ela deve se adequar ao contexto situacional. Como a língua representa a manifestação da vida em sociedade, não se pode conceber o seu estudo isolado da fala, como postulou Saussure (1916) em sua dicotomia *langue/parole* (língua/fala). No entendimento de que a língua pode ser compreendida em seus dois aspectos: a modalidade oral e a modalidade escrita, construímos um projeto que leve em consideração a heterogeneidade da língua, ou seja, que busque apresentar a compreensão dessa língua a partir da sua modalidade oral, pois se a língua se manifesta no social, estamos diante da fala.

A pesquisa que pretendemos realizar trata das atitudes linguística do professor em relação à variante do aluno. O propósito é realizar uma pesquisa que mostre que as atitudes linguísticas do professor podem levar ao constrangimento do aluno e impedir o desenvolvimento de sua competência.

Ao observarmos os casos de constrangimento de alunos vindos de estratos sociais de menor prestígio ou mesmo da zona rural, perguntamos: qual o papel do

---

<sup>1</sup>Trabalho orientado pela Professora Ms. Solange Carvalho, Professora de Sociolinguística da Faculdade Luso-Brasileira.

professor diante da diversidade linguística do aluno? Sua atitude é de respeito ou de preconceito? Quais seriam estratégias metodológicas adequadas para que o professor trabalhe a redução do preconceito? São questões como essas que nos levam a uma outra que representa o problema a ser solucionado por nossas pesquisas: Quais são as implicações pedagógicas geradas pelas atitudes linguísticas do professor para a redução do preconceito linguístico, contamos com os pressupostos teórico-metodológico de Marcos Bagno (1991, 2002), autor de Preconceito Linguístico e as considerações da Professora Solange Carvalho (2007, 2010, 2011) no que diz respeito as atitudes linguísticas, além das considerações de outros autores sobre o “bom” uso da língua.

As atitudes linguísticas do professor carregadas de preconceito constroem o aluno e o impedem de desenvolver novas competências em sala de aula. A partir dessa hipótese construímos os nossos objetivos.

Primeiramente, investigar as atitudes linguísticas do professor em relação ao aluno que levam ao constrangimento e o impede de desenvolver competências. Para atender o objetivo geral temos os seguintes objetivos específicos: 1. Identificar palavras e expressões do professor motivadoras de aprendizagem; 2. Verificar as atitudes linguísticas do professor dirigidas ao aluno; 3. Analisar os fatores condicionantes de preconceito linguístico, propondo estratégias de trabalhar a variação linguística em sala de aula.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 Preconceito linguístico

Todo preconceito, juízo preconcebido, manifestado em forma de atitude discriminatória perante pessoas e lugares, é o julgamento depreciativo, desrespeitoso e humilhante da fala do outro ou da própria fala, geralmente contra variedades associada a grupos que pertencem a classes de menor prestígio socialmente. Bagno (2006) afirma que o preconceito linguístico está fundamentado na ideia fixa de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogadas nos dicionários.

Esse autor elaborou oito itens que considera uma ilusão criada em torno da língua portuguesa. Seguem os “populares” mitos de Marcos Bagno. De início (primeiro capítulo), ele aponta oito MITOS do preconceito linguístico, que são:

1. "A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente"
2. "Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português"
3. "Português é muito difícil"
4. "As pessoas sem instrução falam tudo errado"
5. "O lugar onde melhor se fala português é no Maranhão"
6. "O certo é falar assim porque se escreve assim"
7. "É preciso saber gramática para falar e escrever bem"
8. "O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social"

No primeiro mito, o autor esclarece que não há uma única forma de falar e sim diversas maneiras de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade, portanto, não há uma unidade linguística, trata-se de um grande equívoco.

O segundo mito é uma crítica ao professor Pascoalli. Dizer que o brasileiro não sabe português é negar que a língua e a cultura tem uma relação de imbricação. Afinal o que é falar bem o Português, se não servir para ser compreendido localmente?

Dizer que o português é muito difícil realmente foi um muito difundido entre os brasileiros que se conformavam na condição do mito anterior, que “Brasileiro não sabe Português”.

Já o quarto mito apontado pelo autor diz respeito ao conceito de “certo” e “errado” que guia a escola no ensino da gramática normativa. Errado por quê? Porque não segue as prescrições da gramática? Errado em que sentido se há como entender e dá-se a entender? De fato essa polêmica perdura até hoje, embora os linguists falem sobre adequação e não adequação em vez de certo e errado.

Também foi levantado no livro o mito de que no Maranhão é o local onde melhor se fala o Português. Ora, se entendemos a relatividade dessa questão de falar bem, não há que se considerar uma fala regional melhor que a outra, não há em termos de língua, superioridade. No Maranhão, por se preservar alguns usos que não entraram em variação ganha essa fama, entrando em consonância com os que se pautam pela noção “certo” e “errado”, “falar bem”, “falar mal” em relação à língua.

Quando se julga um modo de falar como “certo” pela proximidade com a modalidade escrita da língua, então estamos diante da dicotomia de Saussure (1964), quando este separa a língua da fala. Sabemos que não há que se separar a língua da fala, pois tudo se refere à língua, o que temos são duas modalidades da língua, a modalidade falada e a modalidade escrita, ambas válidas.

Quanto a conhecer a gramática para poder falar bem, trata-se de um grande equívoco, pois entendemos que o uso se distancia da norma, e a maior dificuldade de se estudar o português na escola hoje é esse distanciamento, pois não há quem se comunica exatamente como a gramática prescreve.

Para derrubar o que Bagno chama de oitavo mito, basta voltarmos nossa atenção para o maior degrau da ascensão social que é a Presidência da República, ocupada por dois mandatos por um homem que não dominava as regras gramaticais, no entanto era um grande comunicador, inteligente e Presidente do Brasil.

Em seguida, o autor desconstrói todos os equívocos dos puristas da língua, defensores do uso de uma chamada norma culta, como o uso correto de se comunicar na língua materna. Faz críticas ferrenhas, principalmente, a os que tratam a Gramática da Língua Portuguesa como se ela fosse o deus maior.

Esse linguista demonstra até certa indignação com o tratamento que se dá ao nordestino, como é o caso da Globo, tratando-o como um ser inferior, ridicularizando esse falante do Nordeste como podemos ler a seguir sua postura diante desse fato:

É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Todo personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do espectador. No plano lingüístico, atores não-nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem que essa atitude representa uma forma de marginalização e exclusão (BAGNO, 2006, p. 44).

Segundo essa referência, a Globo dissemina nacionalmente a ideia de que os nordestinos são pessoas atrasadas, sem ideias próprias, um verdadeiro “alienígena”. Finaliza afirmando que tal atitude lingüística é uma maneira de acentuar a exclusão dos falantes nordestinos.

O preconceito é forma uma forma de rejeição humilhante que denigre a imagem da vítima, além de ser uma pressão psicológica de constrangimento. Para Bortoni-Ricardo, trata-se de uma questão de prestígio e desprestígio:

É interessante constatar que, nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma lingüística de prestígio, considerada correta, apropriada e bela, são ainda mais consistentes que outros de natureza ética, estética e moral (BORTONI-RICARDO, 2006, p.13).

Segundo a sociolinguista, é mais fácil se aceitar as variações de toda ordem do que se aceitar que a língua muda, e, em seu estágio inicial de mudança, sofre variação. Os fatores para que ocorra a mudança podem ser os de ordem lingüística e extralingüística.

Segue a opinião da professora Solange Carvalho<sup>2</sup> sobre as estratégias que o professor deve utilizar para motivar os alunos a compreenderem a diversidade lingüística, em entrevista cedida à Fundação Joaquim Nabuco por ocasião da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

Uma alternativa seria ter uma conversa aberta com os estudantes, fazendo-os pensar, entre eles próprios e as pessoas com as quais convivem em outros ambientes, se todos falam do mesmo jeito. Temos que fazê-los entender que há lugares, condições e hábitos diferentes, e as pessoas, por vários motivos, agem e falam de maneira diversificada, ainda que usuários de uma mesma língua (CARVAHO, 2011).

---

<sup>2</sup> Professora de Sociolinguística na Faculdade Falub.

Para a linguista acima, não há unidade linguística, a língua é heterogênea e não há comportamento linguístico idêntico, todos se expressam de maneira diferentes ainda que em mesma situação comunicativa.

Em atenção às variantes dos alunos, a autora adverte que anteriormente à mudança as formas de uso passam por um período de variação, ou seja, concorrem uma dessas formas, que sofre preconceito poderá tornar-se a candidata considerada correta. “Hoje compreendo que a realidade da língua é a variação, primeiro passo para a mudança, e que respeitar os fenômenos variáveis e as variantes dos falantes é respeitar a própria língua” (CARVALHO, 2011).

## **5.2 Desafio do professor – a construção do novo projeto pedagógico**

O maior desafio do professor é manter o aluno motivado para construir o conhecimento, para desenvolver competências. O grande problema está no modelo de língua considerado pela escola e no professor despreparado para tratar das questões que envolve as modalidades oral e escrita da língua. O papel da escola é ensinar a norma culta, mesmo que para isso desmereça a variedade linguística do aluno. Cabe ao professor encontrar os caminhos para reduzir essa distância que existe entre a variante do aluno e a ensinada na escola.

A maior dificuldade do aluno em aprender o português, é que essa língua ensinada na escola, ainda que materna, é muito diferente da língua que o usuário utiliza em casa, com os amigos, com a família. Ele aprende na escola a “falar bem”. Mas o que seria falar bem? Vejamos o que o professor Antônio Marcuschi diz sobre isso:

[...] falar ou escrever bem não é ser capaz de aplicar regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Não se trata de saber como se chega a um texto ideal pelo emprego de formas, mas como se chega a um discurso significativo pelo uso adequado às práticas e à situação a que se destina (MARCUSCHI, 2007, p. 9).

Segundo o linguista acima o uso adequado da língua é o que importa. Não adianta empregar em conformidade com as regras da gramática, sem alcançar o propósito da linguagem que é ser compreendido.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Considerações Preliminares**

Para a realização do estudo, tomaremos por base teórica os pressupostos teórico-metodológicos de Marcos Bagno, Bortoni-Ricardo e o olhar de outros estudiosos da língua a exemplo de Antônio Marcuschi e Solange Carvalho. Utilizamos como método a pesquisa de campo. Numa abordagem qualitativa, em que não houve necessidade de controle estatístico aos dados, realizaremos uma pesquisa do tipo exploratória para investigar o preconceito linguístico através das atitudes dos professores. Os instrumentos que utilizamos na coleta de dados são: Observação direta, diário de campo, entrevistas semiestruturadas, com roteiro previamente elaborado.

#### **3.2 Procedimento para a coleta de dados**

Para analisar as atitudes do professor em sala de aula que levam o aluno ao constrangimento, utilizamos observação direta, durante as visitas à escola e observação de aula; realizamos as entrevistas com as professoras das escolas, diário de campo.

Fizemos visitas sistemáticas à escola, em busca de uma maior familiaridade com o ambiente. Conversamos com a diretora que nos deu autorização para realizarmos as entrevistas.

Coletamos os dados observando a aula de duas professoras da Escola Municipal Primitiva, em que fazemos estágio. A escola é localizada no bairro de Jardim São Paulo, no Recife. Fizemos uma entrevista não estruturada (individual e coletiva) com as professoras da escola e alguns alunos (cinco), com roteiro previamente elaborado. Utilizamos nomes fictícios para preservar a identidade dos informantes.

O período da coleta de dados se deu no primeiro semestre do ano letivo.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Ao questionarmos a professora 1 sobre o seu amor à profissão, ela mostrou que tem sim amor à profissão, do contrário não conseguiria suportar as dificuldades enfrentadas ao ensinar numa escola pública.

*(...) Minha filha, uma profissão como esta só é possível suportar se for por amor, pois todo mundo sabe que o professor não é valorizado em termos de salário. Além do mais, torna-se muito cansativo a jornada quando precisamos dar aulas em duas escolas para aumentar nossa renda.*  
(Professora 1)

Como podemos deduzir das palavras da professora acima citada, há um certo peso no exercício da profissão, por questão de longa jornada de trabalho, devido a questões de ordem financeira. O professor precisa manter uma vida com certa dignidade.

Já na entrevista com outra professora, quando repetimos a pergunta sobre o amor à profissão, ela foi mais explícita em demonstrar o seu aborrecimento.

*Ser professor neste país é ser um guerreiro, visto como “um coitado” pelos alunos, principalmente se não tiver carro e ainda ter que se deslocar de uma escola para a outra. Os alunos não respeitam o professor pela própria aparência. Ele tem que se valorizar pelo saber, por isso precisa mostrar desde o início aos alunos que sua riqueza é o seu conhecimento, e colocar o aluno no seu lugar. Só assim ele vai conseguir algum respeito do aluno.*  
(Professora 2).

Essa professora demonstra com suas palavras que o papel do professor é superior ao do aluno, e ele precisa demarcar esse distanciamento, do contrário não vai impor respeito.

Analisando as aulas dessas duas professoras, em uma das quais assistimos regularmente durante o estágio, percebemos que as atitudes dessas professoras em relação às crianças expressam impaciência, intolerância e onde fica mais visível é na maneira de corrigir as crianças, demonstrando que elas não sabem falar, não tem educação doméstica, para assim justificar o rigor de suas exigências.



*Sua mãe não lhe ensinou a pedir obrigada não? Que mulher pede obrigada e homem obrigado? Então, se você é menino não vai dizer obrigada, que termina com “a”, mas vc é menina, então é obrigada mesmo! (Professora 2).*

Podemos verificar que as atitudes da professora, além de demonstrar preconceito linguístico, são ásperas e demonstram desrespeito pela variante popular natural ao aluno, quando se comunica na espontaneidade da fala. Esse aluno, em nossas observações, passou toda a aula calado. Isso comprova que certas atitudes dos professores realmente contribuem para o entrave do processamento cognitivo do aluno, ou seja, o aluno constrangido fica impedido de desenvolver novas competências.

Palavras como “certo” e “errado” devem ser evitadas, pois assim estaríamos colocando como errada a variante do aluno e certa a variante da escola, enquanto de fato o que temos são maneiras diferentes de se colocar. Entendemos, no entanto que não há como desprezar o contexto situacional para compreendermos a adequação das colocações. Portanto, as palavras com as quais o professor deve guiar o aluno para a compreensão dessa chamada norma culta, que é o papel da escola, é “adequado” e “não adequado”. O aluno deve entender que há situações de uso da língua em que alguns termos usuais em seu cotidiano não são adequados em outro ambiente, como no caso da escola. Ele precisa entender que há uma gama de variantes de uso da língua, e que aquela a ser aprendida na escola é diferente da sua variante em um contexto familiar de uso.

## **5 CONCLUSÃO**

Até onde foram nossas pesquisas, pudemos chegar a algumas conclusões sobre as atitudes do professor em sala de aula.

As atitudes ríspidas demonstram distanciamento do aluno, impregnando no aluno certo temor do professor e, conseqüentemente, desligamento da aula. O aluno necessita perguntar, tirar dúvidas e o faz em sua variante linguística, no entanto, ao fazê-lo, ou seja, ao enfrentar a timidez diante dos colegas e levantar a voz, perguntar ao professor, ou comentar algo e for repreendido pelo seu modo de falar, seja no sotaque, seja no acervo lexical diferenciado etc., esse aluno pode ficar constrangido e esse constrangimento se constituirá em um impedimento a fazer novas colocações e, por conseguinte, desenvolver-se como aprendiz.

O professor deve, antes de tudo, saber que, independente das dificuldades que vá enfrentar no magistério, o aluno precisa de sua dedicação para ser guiado ao mundo do saber. Embora estejamos vivenciando o mundo da informação via internet, o papel do professor como colaborador para essa aquisição é fundamental para o aluno.

Esperamos ter contribuído para uma reflexão sobre o papel do professor em sala de aula, que precisa ser equilibrado e desprovido de preconceito linguístico para melhor tratar com a variante popular. Pois é a partir dessa variante que o aluno de escola pública terá acesso a outra variante, a chamada norma culta.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico - o que é, como se faz*. 40ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BORTONI-RICARDO. *Cheguemu na escola, e agora?* João Pessoa: Parábola, 2005.

CARVALHO, Solange Carlos de. Palestra sobre Atitudes Linguísticas do professor em sala de aula. In: ESPECIAL SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA, Engenho Massangana/Fundaj, Recife 21/10/2011.

Disponível em: [www.engenhomassangana.wordpress.com](http://www.engenhomassangana.wordpress.com). Acesso em: 7 junho 2012.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <http://carvalhosolange.blogspot.com>. Acesso em: 8 junho 2012.

\_\_\_\_\_. A compreensão da língua a partir da variação linguística. In IX SEF, Ucsal, 2009.

MARCUSCHI I. Da fala para a Escrita - Atividades de retextualização. São Paulo, SP: Cortez, 2007.